

Robert Vannoy, História do Antigo Testamento, Aula 7

Estrutura Literária de Gênesis 1, Histórias da Criação da Mesopotâmia – Enuma Elish

Hipótese da Estrutura Literária: Objeções de Vannoy

No final da hora de ontem, estávamos analisando o que é frequentemente chamado de hipótese estrutural, em conexão com os dias de Gênesis 1. A ideia dessa visão é que os dias de Gênesis 1 não são dias reais, mas são uma narrativa literária. dispositivo utilizado pelo autor do capítulo para fornecer um meio de apresentação de como Deus criou a terra. Agora, eu disse que queria continuar esta discussão hoje, e o que quero fazer é mencionar algumas objeções, que me parecem razões para não aceitar esta visão como uma visão válida, embora como mencionei na última aula, parece ser cada vez mais uma visão defendida por estudiosos evangélicos. Agora, deixe-me mencionar apenas algumas coisas como objeção a isso.

Primeiro, não creio que haja algo no próprio texto de Gênesis 1 que nos dê a menor sugestão de que os dias devam ser considerados simplesmente como uma forma literária, e não como uma descrição de períodos ou sequências reais na atividade criativa de Deus. Não creio que haja qualquer indício disso nesse capítulo; isso é algo que você deve trazer para esse capítulo. Parece-me que se você permitir aqui o que parece ser uma descrição histórica, não sendo realmente uma descrição histórica, mas simplesmente uma forma literária, então por que o mesmo não pode ser dito de muitas outras narrativas na Bíblia que também apresentam eles mesmos como narrativas históricas? Em vez disso, você poderia dizer que elas não são realmente narrativas históricas, mas são algum tipo de forma literária, algo diferente de um registro do que realmente aconteceu. Não creio que haja qualquer evidência no texto de que esta seja apenas uma forma literária. Apresenta-se como uma descrição de períodos reais de tempo e sequência na atividade criativa de Deus. Então essa é uma consideração. Acho que se você

adotar o princípio de permitir esse tipo de interpretação de um recurso literário, abrirá uma porta para aplicá-lo a muitos outros lugares, e logo restará pouco da história real de coisas que realmente aconteceram.

Em segundo lugar, penso que o mais importante para mim é que esta é a principal objecção. Em Êxodo 20, diz-se que a atividade criativa de Deus e depois seu descanso são o padrão que o homem deve seguir nos seis dias de trabalho e no dia de descanso do homem. Agora, hoje, isso pressupõe que havia uma realidade na atividade de Deus quando ele trabalhou na criação em seis períodos e depois descansou em um. Parece-me que isso implica que existe uma realidade nessa atividade de Deus. Se aceitarmos a visão do enquadramento, então o que estamos realmente a dizer é que o homem não está a seguir a Deus no seu padrão de seis dias de trabalho e um dia de descanso, mas o homem está apenas a moldar-se com base numa forma literária humanamente concebida. Dito de forma um pouco diferente, de acordo com esta visão, a origem do padrão seis-um não é a realidade da atividade criativa de Deus em si, mas a ideia da atividade criativa de Deus na sequência seis mais um está enraizada numa obra literária humanamente concebida. forma.

Em outras palavras, o que isto faz é destruir qualquer base na realidade para a atividade e o descanso de Deus, fornecendo o padrão para a atividade e o descanso do homem. Você está baseando a imitação de Deus pelo homem, por assim dizer, não no que Deus realmente fez, mas no que um autor fez ao estruturar o material em Gênesis 1. Agora, parece-me que o que é dito em Êxodo 20 é que Deus fez seis obras. dias e descansou um, e o homem e sua imitação disso é moldar sua própria vida segundo o que Deus fez. Há aí uma mudança sutil, a partir da qual o homem trabalha seis dias e descansa um, uma mudança de realidade do que Deus fez para a criação do autor do capítulo e da forma literária que ele usou para isso. Agora, para mim, essa é uma consideração importante, bem, ele sente que está estruturado com esses paralelos de dois conjuntos de três para levar a um clímax até o sétimo dia, por isso destaca o significado especial do sábado. É assim

que ele sente que está estruturado, apontando para o significado especial do sábado.

Você percebe na página sete de sua bibliografia, na segunda entrada, que há um artigo recente do Dr. Robert Newman: “Os eventos no relato da criação em Gênesis são apresentados em ordem cronológica?” Sua resposta é sim, e isso está em um livro chamado *The Genesis Debate*. Não sei se você viu aqueles publicados por volta de 1986. O ponto de vista oposto está vários verbetes abaixo. Se você quiser ler mais alguma coisa que discuta essa questão da sequência nos dias de Gênesis 1, talvez queira dar uma olhada nesses artigos.

A conclusão de Newman é que pode haver este padrão, você pode encontrar esse padrão, mas a descoberta desse padrão não é algo que necessariamente leva à conclusão de que é simplesmente um artifício literário, não algo que necessariamente retrata a realidade. Portanto, ele não descarta totalmente a descoberta desse tipo de padrão em Gênesis 1, mas se opõe a entender isso simplesmente como um recurso literário que então se livra da sequência real da atividade divina. Eu acho que ele tem um argumento legítimo nisso. Deus pode ter ordenado sua sequência em sua atividade criativa, de modo que refletisse algo desse paralelismo que culmina no sétimo dia. Ainda não tenho tanta certeza quanto ao rumo dessa analogia ser tão forte, por causa do terceiro dia e do quinto dia, não sei se é algo que estamos mais lendo no texto e se é legitimamente lá. Mas seja como for que você desça sobre isso, isso não leva necessariamente a uma pura hipótese de estrutura literária onde não há realidade na visão de seis dias.

A. A Criação do Universo em Gênesis 1:1-2:3 7. Como foi transmitido o conhecimento de Gênesis 1?

Vamos para o número 7. na letra A. Estamos discutindo a criação do universo em Gênesis 1:1 a 2:3. 7. é: “Como foi transmitido o conhecimento de Gênesis 1?” A questão é a visão de que a Terra foi criada com a idade incorporada. Que tal? Isso tem sido frequentemente discutido. O problema que

tenho com isso é que isso prova demais. Se você vai argumentar dessa maneira, como você sabe que a Terra e toda a realidade e tudo que nela há não foram criados há dois segundos? Podemos dizer, bem, eu vivo há x anos, bem, talvez você tenha sido criado há alguns minutos com uma memória de tudo isso e realmente não estava aqui há cinco minutos. Esse tipo de argumento facilmente se transforma em algo que é absurdo, porque não há nenhuma maneira de você realmente saber outra coisa senão talvez que você realmente está aqui agora.

Bem, todos esses dados não têm nada a ver com processos comuns e que o registro fóssil é colocado lá realmente para nos fazer pensar que houve esse longo período de tempo, mas realmente não foi porque Deus criou tudo no lugar. Você vê o mesmo argumento que o historiador usou e que li para você no livro de White, *A Guerra da Ciência e do Cristianismo*, sobre a civilização egípcia, que foi toda criada por Deus no lugar. Não houve nenhum período inicial da história egípcia onde houve um desenvolvimento gradual para uma civilização completa, mas sim ela foi criada no local. Esse tipo de argumento pode ser aplicado de maneiras quase ilimitadas, até o ponto em que você realmente não consegue saber nada e destrói toda a investigação científica. Bem, creio que isso sugere, como disseram os críticos do Cristianismo, que Deus fez isso para nos enganar. Não sei se você necessariamente precisa concluir isso, mas qual é o sentido disso? Se não houvesse a história que parece estar refletida nessas camadas que existiam, então por que Deus fez isso dessa maneira? Não creio que seja um argumento forte que as coisas tenham sido criadas com uma aparência de idade que tem sido frequentemente utilizada. Em última análise, leva à incerteza sobre tudo e ao engano implícito da parte de Deus.

Como foi transmitido o conhecimento de Gênesis 1; Antes de chegar à Geração 1

Passemos à questão de como o conhecimento de Gênesis 1 foi transmitido; antes de chegar a Gênesis 1. Vamos apenas refletir sobre como os escritos das Escrituras chegaram até nós em geral. Acho que olhando para as Escrituras

descobrimos que algumas partes das Escrituras contêm comunicação direta de Deus através do autor, depois colocamos isso por escrito e foi preservado para nós. Às vezes o autor recebeu uma visão, principalmente nos livros proféticos, você lê que há profetas tendo uma visão, que eles registram e depois transmitem para nós. Outros escritores parecem fazer muito do que nós fazemos, fazem algumas pesquisas e encontram materiais que pertencem ao assunto sobre o qual estão escrevendo e utilizam esses materiais na composição do livro que escrevem. Lucas, no prólogo de seu Evangelho (Lucas 1:1-4), indica que a pesquisa histórica foi o modo como ele escreveu grande parte de seu material. Acho que o mesmo é claramente verdade para o autor de 1 e 2 Reis, porque ele frequentemente menciona fontes que utilizou para compor o material do livro de Reis.

Qualquer que seja o método de coleta ou recebimento de material utilizado, acho que o importante não é tanto o tipo de método, mas o importante é que os escritores foram protegidos de erros naquilo que produziram. À medida que o Espírito de Deus supervisionava sua obra, eles eram protegidos de erros naquilo que escreviam.

Agora, quando você chega a Gênesis 1, é claro que surge uma pergunta interessante: como o conhecimento contido naquele capítulo chegou a Moisés? Perguntas como essa são muito mais fáceis de fazer do que de responder. Não há nenhuma indicação aqui em Gênesis capítulo 1 exatamente como esse conhecimento chegou a Moisés. Não acho que isso seja tão importante. O importante é que seja uma revelação de Deus para nós e seja verdadeira. É uma revelação de Deus para nós sobre como o mundo surgiu e como o homem foi criado, e é verdadeira e confiável. É bastante óbvio que Moisés não estava lá quando aconteceram as coisas registradas. Deus falou com Moisés, dizendo-lhe essas coisas? É possível que Moisés os tenha recebido em visão e registrado o que viu, isso é possível, mas não sabemos exatamente como esse material chegou a Moisés.

Agora deixe-me fazer uma sugestão hipotética: acho que você já leu Finegan sobre isso e talvez esteja um pouco preparado para isso. Mas se pudesse ser demonstrado que Gênesis 1 foi a adaptação de um relato babilônico da criação, com elementos politeístas removidos, e coisas desse tipo mudadas, acho que se pudéssemos demonstrar isso, então poderíamos dizer que é bem possível que Deus pudesse levar Moisés a utilizar uma tradição desse tipo. Mantendo as partes que eram verdadeiras, descartando o resto, e esta seria a Palavra de Deus. Agora, não creio que isso seja provável e não creio que haja qualquer evidência que apoie isso. Só estou falando teoricamente. O que considero importante é que o Espírito Santo inspirou a escrita das Escrituras, de modo que o resultado foi a Palavra escrita de Deus. Quando falamos de inspiração verbal, cada palavra nas Escrituras é confiável, confiável e verdadeira. Muitas vezes não conhecemos o método. O método não é o importante.

Agora, voltando a esta questão hipotética, suponhamos que Moisés tivesse algumas tradições sobre a criação, e o Espírito Santo decidisse usá-lo e guiá-lo na maneira como ele moldou o material e o que ele nos transmitiu como as próprias palavras de Deus. Acho que teoricamente isso é possível, mas não creio que haja muitas evidências de que isso aconteça.

Origens Babilônicas – Abordagem da Escola Pan-Babilônica Vamos discutir esta afirmação das origens Babilônicas. Em 1875, um homem chamado George Adam Smith, do Museu Britânico em Londres, escreveu uma carta a um jornal britânico, o Daily Telegraph, na qual descreveu o conteúdo de cerca de vinte tabuinhas que vieram da Mesopotâmia descrevendo uma história da criação. Mais tarde, Smith escreveu um livro chamado *The Chaldean Account of Genesis*, e isso despertou um enorme interesse na Bíblia e na arqueologia porque aqui estava o início de toda aquela área de pesquisa e estudo e as pessoas estavam interessadas.

Aqui está o relato babilônico da criação. Em que difere da história da criação da Bíblia em Gênesis? Isso foi em 1875. Em 1902, um homem chamado

Fredrich Delitzsch tinha uma visão muito negativa das Escrituras. Ironicamente, seu pai, Franz Delitzsch, escreveu um importante comentário sobre o Antigo Testamento e tinha uma visão muito elevada das Escrituras. Friedrich deu uma série de palestras em 1902 intitulada *Babel e a Bíblia*, que está na página sete da sua bibliografia. Foi publicado em alemão em 1902 e traduzido e publicado para o inglês em 1903, e há cópias na biblioteca, caso você queira dar uma olhada. Ele se tornou o líder do que veio a ser conhecido como a Escola Pan-Babilônica de abordagem do Antigo Testamento. A ideia dessa escola de abordagem do Antigo Testamento era que as cosmovisões bíblica e babilônica eram muito semelhantes, e a visão bíblica dependia da visão babilônica e derivava da visão babilônica.

Delitzsch afirmou que tanto a história da criação do Gênesis quanto a história do dilúvio de Noé derivaram das histórias da Babilônia. É claro que parte desse argumento é que as histórias babilônicas são anteriores. Moisés é de cerca de 1.400 aC, essas histórias babilônicas datam de cerca de quatrocentos ou quinhentos anos antes dessa época. Então ele disse que os relatos bíblicos da criação e do dilúvio são adaptações das histórias babilônicas. Agora, deixe-me citar, não do livro *Babel e a Bíblia*, mas de outro livro que também está listado aqui na página sete de sua bibliografia, a segunda entrada em Delitzsch, três quartos abaixo da página, é um título alemão que em inglês significa “Grande Decepção”, que foi uma obra de dois volumes que ele publicou em 1920. No topo da página oito da bibliografia, você vê o livro *O Antigo Testamento desde a Reforma*, de EG Kraeling. Kraeling cita o livro *A Grande Decepção* que Delitzsch escreveu na página 158. Isso lhe dará uma idéia da interpretação de Fredrich Delitzsch do Antigo Testamento, porque ele é um dos críticos mais radicais que você já encontrou.

Aqui está o que ele diz: “o Antigo Testamento está cheio de enganos de todos os tipos de verdadeira miscelânea de figuras errôneas, incríveis e não confiáveis, incluindo aquelas da cronologia bíblica de um verdadeiro labirinto de representações falsas, reformulações, revisões e transposições enganosas. Daí

também os anacronismos, uma mistura constante de detalhes contraditórios e antigas histórias, lendas e contos populares.” Resumindo, um livro cheio de enganos intencionais e não intencionais, daí o título do livro, *O Grande Engano*, é sobre o Antigo Testamento. Ele continua: “O Antigo Testamento e todos os seus livros estão repletos de belezas linguísticas de informação arqueológica e mantêm o seu valor como documento histórico, apesar dos seus defeitos, mas é em todas as direções uma fonte relativamente tardia e nebulosa. Um documento propagandístico desde o primeiro capítulo de Gênesis até o último de Crônicas .” Ele não tinha uma visão muito elevada do Antigo Testamento e grande parte disso é a ideia de que muitos dos materiais são derivados de fontes babilônicas. Muito disso segue a visão de Welhausen, material tardio que é representado como sendo anterior, não historicamente confiável, etc.

Enuma Elish

Não sei qual é a relação com o pai. É impressionante passar de seu pai, Franz, que era um fiel e bom estudioso da Bíblia, para um filho com opiniões tão radicais; seria interessante saber o que aconteceu. Vamos continuar com essa ideia da origem babilônica. A história da criação na Babilônia é conhecida pelo Enuma Elish. Essas duas palavras, Enuma e Elish, significam “quando nas alturas”. A maioria dos estudiosos data a composição por volta de 1700-2000 aC, embora o texto mais antigo existente date de cerca de 1000 aC, então não temos um texto que remonte a 1700 aC. Há um consenso bastante geral de que a composição original remonta a essa época. até agora devido às várias alusões históricas que se encontram ao longo do documento que encontram o seu contexto e cenário durante este período da história. Portanto, não creio que haja muitas dúvidas quanto à sua origem remontar a 1700-2000 a.C., embora o texto mais antigo seja de cerca de 1000 a.C.

Então compare isso com o material bíblico. Entendemos que Moisés é o responsável pelo material dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento.

Moisés viveu no mínimo por volta de 1400, discutiremos a data do Êxodo mais tarde e, claro, a data pertencente a Moisés. A data inicial do Êxodo é meados de 1400 e a data final é por volta de 1290, então você coloca Moisés em algum lugar entre 1400 e 1200 aproximadamente. Em qualquer caso, substancialmente posterior a 2000-1700, por isso não creio que haja muita dúvida de que o Enuma Elish seja mais antigo que o capítulo 1 de Gênesis, no que diz respeito à sua composição.

Houve um estudo muito completo do Enuma Elish escrito por um homem chamado Alexander Heidel, que está na sua bibliografia, a última entrada na página sete. O livro é intitulado *O Gênesis Babilônico*. Heidel faz uma análise muito cuidadosa do Enuma Elish e aponta uma série de coisas que são úteis na comparação do Enuma Elish com o relato da criação em Gênesis. Uma coisa que ele observa é o objeto do Enuma Elish, e aponta duas coisas a respeito do objeto da história. Ele diz primeiro que, basicamente, não se trata de uma história de criação. Existem sete tábuas nas quais o Enuma Elish está escrito e apenas uma pequena parte dele diz respeito à criação, portanto não é principalmente uma história da criação. Você tem longas descrições dos personagens principais do Enuma Elish, Marduk, que é a principal divindade da cidade de Babel. Você tem longas descrições de seu nascimento, seu crescimento e o documento parece ser um apoio apologético a Marduk como o deus da Babilônia, em vez de uma história da criação em si. Bem, teremos que continuar de lá na próxima vez.

Transcrito por Paul Schneider
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Rachel Ashley
Re-narrada por Ted Hildebrandt